

MULHER, PROFESSORA E HISTORIADORA DOS OITOCENTOS: Herculana Firmina e seu *Resumo da História do Brazil* (1868)

Jeane Carla Oliveira de Melo*

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva, através da análise do percurso biográfico da professora maranhense Herculana Firmina Vieira de Sousa (XIX-?), uma maior compreensão acerca da condição feminina de mulheres que atuaram no espaço público por meio do ensino e destacaram-se como professoras e autoras de livros e manuais didáticos durante o Império (1822-1889). A educadora Herculana de Sousa lecionou no período de 1855 a 1888 na Vila de Cururupu, onde atuava como professora de Primeiras Letras e se tornou conhecida pela autoridade docente construída na vida laboral como professora e autora de livros voltados para a formação da infância e juventude no Maranhão, dentre eles, o corpus documental deste estudo: *Resumo de História do Brazil* publicado em 1868.

O nosso recorte temporal situa-se na segunda metade do século XIX e o espaço é a Província do Maranhão com enfoque na história da educação local. Para tratar da questão do lugar da mulher na história utilizaremos Perrot (1992) e Louro (2009). A partir dessas autoras, buscamos entender o "ser mulher" como uma construção histórica, material, contingente e hierárquica entre os gêneros. A reconstrução da vida da professora Herculana Sousa será feita a partir de uma investigação indiciária (GINZBURG, 2002), no qual cruzamos sinais, pistas e indícios capazes de dar forma e memória ao contexto histórico e educacional do Maranhão Imperial em sua trama social mais ampla. O livro didático (BITTENCOURT, 2006) se constitui como a mais significativa fonte histórica, uma vez que é capaz de agregar a historiografia, a cultura pedagógica e o mercado editorial de um determinado contexto histórico.

Assim, lançaremos mão de uma análise que possa interligar a investigação historiográfica do manual (CERTEAU, 2002), o gênero (PERROT, 1988) materializado na autoria feminina e a História da Educação nos Oitocentos (GONDRA, 2008). O livro que foi adotado pelas escolas de Ensino Secundário da Província maranhense está dividido em dois períodos bem distintos, Colônia e Império.

*Professora de História do IFMA Campus Alcântara e Mestre em Cultura e Sociedade pelo PGCULT/UFMA.

De modo a torná-lo mais didático para os estudos da juventude, a autora construiu um tipo de narrativa baseada em perguntas e respostas - recurso pedagógico bastante utilizado por pedagogos do século XIX em suas obras, afim de "facilitar" a aprendizagem e memorização dos eventos históricos.

Entre perguntas e respostas, lições e preleções, as aulas eram narradas através do manual que servia como aporte acerca dos conhecimentos históricos sistematizados e sintetizados de acordo com a sua relevância, isto, é, importava destacar que a construção da história do Brasil se deu por obra do cristianismo, da Coroa portuguesa e do espírito altivo do elemento português. Trata-se, todavia, de uma narrativa que visava a partir do conhecimento dos "feitos notáveis" da nação ainda muito recente, instruir nos pressupostos de uma "pedagogia cívica", atenta a formação do súdito e do bom cristão. Portanto, a partir dessa perspectiva discorreremos sobre as intenções da autora bem como as representações e interpretações acerca da construção de uma narrativa histórica com finalidades didáticas voltada para o incipiente público escolar do Império.

2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E HISTÓRIA DAS MULHERES: um diálogo profícuo

Este tema exige por excelência, mergulhar nos caminhos da história e memória da educação maranhense nos Oitocentos buscando dar relevo a uma importante, porém esquecida personagem da história da instrução em nosso estado: a professora de Primeiras Letras da Vila de Cururupu, Herculana Firmina Vieira de Sousa, que, entre os anos de 1855 a 1888 exerceu o magistério feminino na província maranhense e publicou o manual didático *Resumo da História do Brasil* (1868), considerado um dos impressos pioneiros na sistematização da disciplina História do Brasil na qual a professora, a partir de seus escritos contribuiu para consolidar no currículo do Ensino Secundário nas escolas do Império.

A professora Herculana de Sousa emerge para nós como a memória de um silêncio e de um silenciamento – o que caracteriza sobremaneira a atuação das mulheres durante o século

XIX nos poucos espaços públicos autorizados para elas, dentre eles, os territórios da educação escolar. Sua atuação como professora primária e trajetória intelectual como autora de livros didáticos em um contexto educacional e político adverso se transmutam em uma grande interrogação, demarcando o ponto de partida deste estudo. Desta forma, almejamos vislumbrar o lugar do sujeito feminino na história da educação e das relações de gênero socialmente construídas na cultura escolar maranhense (MOTTA, 2010).

O espaço-tempo de nossa investigação está situado na Província maranhense dos Oitocentos, em um movimento que abrangerá tanto a Vila de Cururupu, quanto a capital da província, São Luís, uma vez que aqui estavam localizados o Conselho de Instrução Pública (de onde partiam as diretrizes das políticas educacionais) e as tipografias responsáveis pela produção dos livros que circulavam na Província. Em relação ao recorte temporal utilizado, delimitamos o período de 1855 a 1888, ou seja, vinte seis anos que perfazem a atuação docente da referida professora e período também da publicação de seu manual didático.

Portanto, buscaremos identificar e analisar aspectos biográficos da trajetória intelectual da professora Herculana de Sousa, compreendendo-a não como um sujeito histórico isolado, mas buscando enredá-la em seu próprio tempo de ação, estabelecendo também um paralelo analítico com o manual didático que produziu, uma vez que vida e obra não estão separadas nas experiências sociais dos indivíduos e sempre “denunciam” o contexto histórico do qual fazem parte. Também porque entendemos a educação como prática social e histórica, capaz de adquirir formas e significados variados de acordo com os sujeitos, os tempos e os espaços, assim como lançar luzes em capítulos “esquecidos” pela memória coletiva (sempre politicamente seletiva) da história da educação no Maranhão.

2.1 O sujeito histórico mulher na História da Educação

Pesquisar o lugar das mulheres na história é uma tarefa que envolve complexidades e requer também saber interpretar apagamentos/esquecimentos e silêncios. Nossa historiografia continua sendo escrita e feita por vozes masculinas, e, apenas muito recentemente é que estudos sobre as mulheres começaram a ser produzidos especificamente no âmbito da pesquisa histórica. Convém destacar que, como afirmou Walter Benjamin (2005) somos sujeitos históricos “repletos de agora”, ou seja, a análise do passado se dá em função do tempo presente.

Assim, podemos seguramente apontar que o interesse por questões femininas na história se dão em virtude destas se apresentarem bastante urgentes da contemporaneidade, marcadas pela emergência de movimento sociais de mulheres, tais como o Movimento Feminista do século XX.

Nesse sentido, cada vez mais temos nos debruçado por pistas, vestígios e fontes capazes de fornecer informações acerca de como as mulheres (e não apenas os homens) construíram suas experiências de vida; como viveram, como amaram e como produziram suas existências limitadas por condições de desequilíbrio social/material/simbólico e desigualdades de gênero. E justamente porque buscamos alcançar a igualdade de gênero nos dias de hoje é que a produção do sujeito histórico mulher tem se afirmado emergente e importante no campo da pesquisa acadêmica.

Todavia, trazer as mulheres no centro da ação política exige fazer importantes deslocamentos. Requer desafiar tradições historiográficas e desnaturalizar visões canônicas bastante arraigadas em nossa cultura acadêmica, dominada por relações de poder, discursos e práticas masculinas. O primeiro deles é submeter à reflexão as possibilidades do fazer histórico com esses sujeitos. Sobre isto, Michelle Perrot (1992) questionava se existiria uma maneira feminina de fazer/escrever a história diferente da masculina e se existiria uma memória especificamente feminina.

Perrot (1992), com efeito, destacava por meio das diferenças culturais, modos próprios de funcionamento e registro da memória feminina, o que poderia causar implicações específicas nas formas com as quais mulheres abordavam o passado. Ou seja, já que homens e mulheres recebem socializações distintas, suas formas de conceber o tempo passado e operar a memória também podem ser diferentes uns dos outros. Isto não significa dizer que existe uma “essência feminina” pré-existente, mas que somos seres históricos afetados pelas diferenças culturais que nos moldam e condicionam socialmente. Tanto é verdade que levou Simone de Beauvoir a afirmar categoricamente que “não se nasce mulher, torna-se”, isto é, somos todos socializados a cumprir determinados papéis que a cultura nos impõe.

Essas diferenças sociais, culturais e históricas entre os sexos também repercutiram no modo de se conceber e valorizar o que é considerado como fonte histórica. Em relação a isto, Motta (2010, p.272) aponta sobre as mulheres que “nós não estamos presentes na maior parte dos arquivos oficiais e somos bastante desrespeitadas nos arquivos particulares, vítimas da

incineração de nossos escritos por serem considerados de pouco valor”. Dito de outro modo, as assimetrias nas relações de poder entre homens e mulheres também são expressas na quantidade de fontes disponíveis para analisar os indivíduos. Fontes históricas, como produtos culturais de uma determinada época e espaço, também são particulares e sexualizadas, agregando em si mesmas fortes componentes de gênero.

Portanto, esta pesquisa caminhará no sentido de valorizar todos os registros produzidos pela professora Herculana Sousa, por entendermos quão importante é que as mulheres, de algum modo, falem por si mesmas, ainda que essa voz esteja registrada em uma receita, um ofício de trabalho, um bilhete, diário ou na escrita de um manual didático. As relações de gênero e a presença das mulheres na história da educação necessitam ser descortinadas; precisamos, por meio do levantamento das mais variadas fontes (escritas, orais, iconográficas) ouvir/investigar as vozes de mulheres professoras, trazer à tona suas memórias silenciadas e reabilitá-las como sujeitos ativos da ação histórica.

3 PRESENÇA FEMININA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MARANHENSE: alguns apontamentos

Investigar a presença feminina na história da educação maranhense dos Oitocentos exige mergulhar em um fértil terreno interdisciplinar e mobilizar variadas categorias de análise em conjunto. Dentre elas, temos: a História das Mulheres, a Cultura Escolar (história e memória da educação e do ensino) e estudos de História do Maranhão Imperial. Cruzar esses elementos nos proporcionará uma análise mais contextualizada e rica acerca da temática em tela.

Na obra, *Os Excluídos da História*, Michelle Perrot (1992) denuncia o conteúdo conservador da historiografia tradicional e passa a incluir em sua narrativa sujeitos históricos invisibilizados como marginais, crianças, loucos e pobres. E mulheres. Percebida como “excluída” da história, a historiadora francesa assumiu um ambicioso projeto e inaugurou o campo de investigações conhecido como História das Mulheres, domínio que dialogou com a antropologia, a sociologia e a psicanálise e legitimou a validade dos estudos históricos tendo a mulher como principal categoria analítica.

Em nossa proposta de pesquisa, a contribuição de Michelle Perrot será importante na medida seus estudos buscaram introduzir as experiências femininas nos relatos históricos,

destacando os pontos de autonomia e ajudando a suprir a lacuna incômoda da ausência das mulheres na narrativa histórica. A historiadora francesa será uma das principais referências, mas não a única. Assim, contaremos com as contribuições de Guacira Louro (2009) no tocante as relações de gênero e a atuação histórica das mulheres nas salas de aula, com Elizabeth Abrantes (2014), sobre a educação feminina em São Luís na segunda metade do século XIX e com Carla Chamon (2008) que analisa a trajetória da educadora mineira Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, que assim como a professora maranhense Herculana Sousa, também foi uma das raras mulheres a publicarem livros didáticos no século XIX.

Sobre história da educação, cultura escolar e manuais didáticos, utilizaremos as pesquisas de Gondra & Schueler (2008), que ao examinar de modo sintético a educação e a sociedade no Império brasileiro, afirma que a instrução nesse contexto surgiu como um problema geral e mobilizou diversos agentes e estratégias ao longo do século XIX. Também será importante incorporarmos as investigações feitas pela pesquisadora Circe Bittencourt (2008) ao abordar a história do livro didático no processo de constituição do ensino escolar brasileiro entre os séculos XIX e XX. Esta reflexão contribuirá sobremaneira na análise historiográfica do manual didático *Resumo de História do Brazil* (1868) da educadora Herculana de Sousa, que é o nosso principal corpus documental a ser analisado.

E por fim, para dar suporte a fundamentação teórica acerca da história maranhense nos Oitocentos, destacamos os estudos de Marcelo Galves & Yuri Costa (2009), Cesar Castro (2010), Maria de Lourdes Lacroix (1983), que, a partir de uma macro-análise social e política dão especial ênfase ao papel da educação e da imprensa na província do Maranhão e ao exame dos impressos, práticas de leitura e instituições escolares locais. Trabalhos como esses são importantes à medida que permitem-nos recuperar a ambiência política, econômica, cultural da província maranhense no século XIX e situar os sujeitos históricos em seus contextos sociais. Esses autores e autoras elencados aqui são nosso ponto de partida e outros mais serão incluídos no decorrer da pesquisa especificamente no que diz respeito ao levantamento bibliográfico, o qual ampliaremos o referencial teórico e as fontes utilizadas.

A metodologia desta pesquisa exige também que lancemos um olhar de gênero sobre as fontes utilizadas. O gênero (SCOTT, 1995) para nós emerge como uma forma de dar sentido às construções culturais e hierárquicas dos sexos na história. A nossa investigação também será voltada para um enfoque interdisciplinar, incorporando métodos e técnicas da pesquisa histórica

e da educação. Desenvolveremos um método de análise de perspectiva indiciária (GINZBURG, 2002), isto é, buscando enfatizar todos os vestígios/indícios encontrados acerca da professora Herculana de Sousa de modo que seja possível construir um significado maior de suas ações no contexto social do período em que viveu. No entanto, visitaremos nossas fontes através de uma postura crítica, questionadora e não-ingênua, na perspectiva de “fazer o documento falar” (BLOCH, 2002), tendo em vista que toda fonte histórica deve ser problematizada e inserida em seu contexto de produção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Del Priore (1998), estudar mulheres significa escutar “vozes do silêncio” ou seja, devemos tomar parte da documentação chamada por ela de “historiografia da transgressão” que abarca artigos, livros, teses apoiadas em uma diversidade de fontes cujo interesse é pesquisar mulheres concubinas, prostitutas, escravas, rebeldes, mulheres da elite, freiras, pecadoras, educadora, escritoras feministas, dentre outros sujeitos.

Este estudo está no começo e finalizamos apontando nossas principais fontes primárias já levantadas que são: o livro *Resumo da História do Brasil*, publicado em 1868 (que integra o acervo da biblioteca de livros didáticos da USP), ofícios da Instrução Pública de autoria de Herculana Sousa (presente nos Arquivos e publicadas) e os jornais (dos séculos XIX e XX) que fizeram referência a trajetória profissional da educadora, tais como: *Publicador Maranhense*, *Semanário Maranhense*, e *A Pacotilha*, impressos que se encontram com suas edições digitalizadas e disponíveis para consulta. No decorrer da pesquisa, esperamos encontrar mais fontes que possam ampliar a análise do nosso objeto. Intentamos com ele buscar elucidar questões pertinentes relacionadas à memória da educação no Império.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Elizabeth Sousa. **A educação do “Bello Sexo” em São Luís na segunda metade do século XIX**. São Luís: Editora UEMA, 2014.

BITTENCOURT, Circe. **Livro Didático e saber escolar: 1810-1910**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. São Paulo: Boitempo, 2005.

CASTRO, Cesar Augusto. **Leitura, impressos e cultura escolar**. São Luis: EDUFMA, 2010.

CHAMON, Carla Simone. **Escolas em reforma, saberes em trânsito: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

GALVES, Marcelo Cheche & COSTA, Yuri (Orgs). **O Maranhão Oitocentista**. Imperatriz: Ética, 2009.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GONDRA, José Gonçalves & SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A educação na Baixada maranhense: 1828/1889**. São Luís: Civilização Brasileira, 1983.

LOURO, Guacira. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary & BASSANEZZI, Carla (Orgs.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.

MOTTA, Diomar. Omissão e inserção histórica da mulher na cultura escolar. In: CASTRO, Cesar Augusto. **Leitura, impressos e cultura escolar**. São Luis: EDUFMA, 2010.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n2, jul/dez, 1995.